

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA EM ARTHUR SCHOPENHAUER

Beatriz Sene Klug¹

Resumo: Este trabalho constitui-se numa pesquisa sobre a experiência estética como forma de liberação do sofrimento. Está baseado nos escritos de Schopenhauer e de alguns comentaristas. Muitos comentaristas concordam que a teoria estética de Schopenhauer é uma variante da teoria da experiência desinteressada da arte de Kant, embora ele transforme a teoria do juízo do gosto para uma atitude de contemplação estética. Na primeira parte do artigo, trata-se de realizar uma introdução à metafísica de Schopenhauer, comparando a influência de Kant no seu trabalho. Em seguida, uma análise de sua obra principal: *O Mundo como Vontade e Representação*, também mostrando os aspectos significativos da abordagem de Kant. Na segunda parte, o argumento é a experiência estética – a partir da observação desinteressada à libertação dos ciclos de sofrimento. Schopenhauer, portanto, transforma a análise de Kant dizendo que a coisa-em-si é possível quando paramos de ver o mundo por meio de nossas vontades.

Palavras-chave: Experiência estética. Arthur Schopenhauer. Immanuel Kant.

*Abstract: This work constitutes a research on the aesthetic experience as a form of liberation from suffering. It is based on the writings of the author and some commentators. Most commentators agree that Schopenhauer's aesthetic theory is a variant of Kant's theory of disinterested experience of art, but he transforms the theory of judgment of taste to an attitude of aesthetic contemplation. In the first part of the article, I will give an introduction to metaphysics of Schopenhauer, comparing the influence of Kant in his work. Then I will make an analysis of his major work: *The World as Will and Representation*, also showing significant aspects of Kant's approach. In the second part, the argument is the aesthetic experience - from disinterested observation to the release from the cycles of suffering. Schopenhauer thus transforms the analysis of Kant saying that the thing-in-itself is possible when we stop seeing the world through our wills.*

Key words: Representation esthetics. Arthur Schopenhauer. Immanuel Kant.

¹ Esse artigo foi apresentado como atividade de avaliação em Unidade de Aprendizagem no curso de Filosofia da Unisul na modalidade a distância. A autora desse artigo formou-se no segundo semestre de 2012 no referido curso. Endereço de e-mail da autora <b.sene@live.com>.

1. INTRODUÇÃO

A diversidade das experiências estéticas singulares e a simplicidade do ato criador reclamam, segundo se diz, silêncio e segredo: fraqueza ou privilégio, a arte é irreduzível à linguagem e aos conceitos (Lacoste citando Gilson, 1986, p.298).

Mas filosofia da arte pode nascer porque a própria experiência estética se torna relativa e problemática. (Lacoste, 1986, p.7)

Estética é a área da filosofia que trabalha com a natureza da arte, da apreciação do belo, seu julgamento e percepção. Pode ser definida como teoria da beleza relacionado a conceitos, a questões de valor da experiência e da atitude estética. A Estética é o pensamento filosófico que a arte adquire no século XVIII, na mesma época em que surge a concepção de indivíduo moderno, com a posição de cada sujeito em relação ao mundo e sua percepção individual. Também é nesse contexto que as belas-artes passam a ser autônomas por meio da distinção entre artista e artesão. O Oxford English Dictionary define estética como “percepção do belo”, o termo é derivado do Grego antigo *aisthesis*, que significa percepção ou sensação e está em contraste com o conhecimento racional.

Na Antiguidade, o problema do belo foi tratado pelos gregos Platão e Aristóteles, os quais viam o Belo como idêntico ao Bom. Na *República*, Platão relaciona estética à ética, pois ele critica os poetas que atribuem aos deuses fraquezas e paixões dos seres humanos e acrescenta que a arte não passa de imitação, uma cópia de um objeto sensível que, por sua vez, é uma cópia imperfeita da ideia. Dessa forma, a arte reproduz uma ilusão da realidade. Com Aristóteles, a arte é a imitação da natureza e da vida, *mimesis*, seus conceitos estão relacionados às ideias de limite, ordem e simetria. Em *Poética*, aplica esses princípios à poesia, à comédia e à epopeia, dizendo que “o Belo tem por condição certa a grandeza e a ordem”.

Alexander Baumgarten (1714-1762), no século XVII, que pode ser considerado o fundador da Estética como disciplina filosófica, pois ele foi o primeiro a usar o termo para significar sentido de beleza, usando os sentidos relacionados a sentimentos de prazer e desprazer. No entanto, foi Kant quem consolidou o termo e disse que a beleza é uma relação subjetiva, pois ela está orientada pelo poder de julgar. Ele desenvolveu uma teoria de beleza e nossa resposta cognitiva a ela, não insistiu que toda arte deve ser bonita e as ramificações de seu conceito tornaram-se centrais para outras teorias sobre a noção de resposta estética no século XX, e os críticos de arte incitaram a apreciação de novos artistas como Cézanne, Picasso e Pollock.

Kant atribuiu à estética um papel central na filosofia. Em *Crítica da Faculdade do Juízo*, procurou regras que não eram empíricas nem legisladoras para o gosto. O valor estético seria a aptidão do objeto em agradar como pura contemplação, sem pensamento conceitual, pois o sujeito não faz um julgamento lógico, mas ele diz como é afetado por algo.

A partir daí, a Estética do século XVIII encaminhou-se para a recepção da obra pelo espectador, isto é, o belo como vivência e isso significou uma importante virada no campo de investigação da arte, principalmente porque antes era ligada à teoria da *mimesis*, onde as artes visavam à imitação da natureza.

Segundo Kant, nós percebemos o mundo de acordo com nossas percepções, que são construídas com informações adquiridas por um conjunto limitado de sentidos. Em *O Mundo como Vontade e Representação*, Arthur Schopenhauer começa com a frase: “O mundo é minha representação”, acrescentando à ideia de Kant que “todo homem aceita os limites de seu próprio campo de visão como os limites do mundo” (*O livro da Filosofia*, 2011, p. 187). Essa representação é uma manifestação da Vontade, a essência dos fenômenos presente na natureza e no homem que permanece inalterável. É nesse ponto que Schopenhauer entende que na contemplação estética é possível a emancipação da vontade, liberando-nos de nossa condição humana de sofrimento. Por outro lado, no terceiro livro, ele diz que a arte cria uma ponte epistemológica entre nós e o mundo como ele realmente é: ao contrário da ciência, que só estuda as relações entre as coisas, a arte levaria ao conhecimento do que é essencial para o mundo, o verdadeiro conteúdo dos fenômenos.

O foco da presente pesquisa está na contemplação estética de Schopenhauer e no modo como ele aponta que estamos a serviço da vontade, mas há outro modo de conhecer o mundo que não necessariamente a razão. Pretende-se resgatar o valor epistêmico da arte em Schopenhauer, em busca da cessação do sofrimento que nasce da experiência estética. Invoçando os principais conceitos de Kant em atenção à sensibilidade, *a priori*, na estética transcendental.

2. INTRODUÇÃO À METAFÍSICA DE SCHOPENHAUER

Antes de Schopenhauer nascer, Kant publicou *Crítica da Razão Pura* onde ele explora a interdependência entre o que há (ontológico) e como nós conhecemos (epistemológico).

Trata-se de uma reflexão sobre um conhecimento que não depende da experiência e das impressões dos sentidos. O tema central do livro é a possibilidade ou impossibilidade de chegar a uma metafísica geral, ou seja, que estuda o ser enquanto ser. Assim, ele aborda duas importantes distinções: o conhecimento *a priori*, os juízos independentes da experiência que fazem parte da razão pura, que são universais e necessários; e o conhecimento *a posteriori*, como os juízos derivados das experiências sensíveis, que são contingentes, pois dependem do fenômeno empírico para se originar. Kant examina em que medida a razão humana pode chegar a um conhecimento *a priori*, uma vez que todos os outros conceitos podem ser vistos como determinações deles.

A filosofia de Kant abriu uma compreensão maior sobre a relação entre mente e realidade, pois a mente não recebe passivamente informações fornecidas pelos sentidos, ela dá sentido para essa informação, organizando-a numa progressão temporal, em relação à causa e efeito. O mundo sensível, portanto, é construído a partir de uma combinação de matéria sensorial e formas *a priori* fornecidas por cognição. A realidade que percebemos é uma conjunção da realidade externa e da mente humana, e que só por meio dessa última que podemos adquirir qualquer conhecimento certo, quando entendermos como essas faculdades mentais informam nossa experiência. A partir daí, o filósofo volta-se para a metafísica, ou seja, a faculdade da razão é independente da experiência e redefine o papel da metafísica como uma crítica da razão pura. Kant permite os pontos de partida do racionalismo, nesse sentido, a razão é capaz de conhecimento significativo, ela fornece formas para a nossa cognição do mundo sensível e do empirismo, em que os fenômenos da experiência dependem dos dados sensoriais e da forma que nossa mente os processa com as regras *a priori*, mas evita as especulações metafísicas dos racionalistas, os quais afirmavam que o critério para a verdade é intelectual, “a razão é o único caminho para o conhecimento” (Audi, p. 771). Kant também rejeita a ideia empirista que há conhecimento verdadeiro nas percepções sensoriais.

Kant encontra respostas para questões metafísicas em uma crítica da razão humana. O juízo requer duas fontes: a sensibilidade e o entendimento, pois uma mente sem conceitos não tem capacidade de pensar, mas sem uma experiência sensorial ao qual esses conceitos pudessem ser aplicados, não teria objeto a ser pensado. O juízo, portanto, requer uma síntese que é o conhecimento transcendente, sem dependência com a mente, opondo-se a uma síntese empírica, isto é, está pressuposta na experiência e não é derivada dela.

Kant explora a realidade como ela se revela pela nossa mente, não como coisas como elas são em si mesmas. O Idealismo Transcendental kantiano é uma tentativa de síntese entre as formas como nós sabemos alguma coisa e a realidade conhecida, pois os fenômenos da realidade objetiva não aparecem como coisas-em-si, mas como representações subjetivas construídas pelas faculdades humanas observáveis. O método está baseado em como o conhecimento *a priori* determina a forma de processar as informações. Em *Crítica da Razão Pura*, no capítulo intitulado *Estética Transcendental*, o espaço e o tempo são formas de como nós percebemos os objetos que nos fornecem as intuições, mas que são pensados pelo entendimento e por esse que surgem os conceitos. Segundo Kant, em *Crítica da Razão Pura*, no sentido transcendental, seriam as representações nas quais não se acha nada que pertença à sensação. Essa é a parte na qual ele considera a contribuição da sensação para a cognição.

Schopenhauer adota o Idealismo Transcendental de Kant e o descreve como a distinção entre o fenômeno e a coisa-em-si, mas, diferente de Kant, seu objetivo era pensar numa interdependência ontológica e epistêmica como seu ponto de partida. Na sua tese de doutorado sobre *Quádrupla Raiz do Princípio da Razão Suficiente*, ele examina criticamente a tendência de muitos filósofos para assumir que o mundo é um lugar compreensível e também a disposição de assumir o que é real é o racional. Filósofos, em tentativas de explicações simples, tentam reduzir certos aspectos para explicar toda a realidade em termos de um conjunto limitado de conceitos. Schopenhauer rejeita essas reduções dizendo que é preciso assegurar a independência de cada uma dessas maneiras de conhecer a realidade, para ter uma melhor compreensão do que experimentamos, uma investigação sobre a natureza dos vários tipos de conexão necessários entre diferentes tipos de objetos.

Para pensar no princípio da razão suficiente, o qual afirma que tudo o que acontece tem uma razão suficiente para ser assim e não de outra forma, temos que pensar em algo particular com necessidade de explicação. Na nossa situação epistemológica, devemos supor a presença de um sujeito que pensa em algum objeto para ser explicado. A partir disso, a raiz do princípio da razão suficiente é a distinção entre sujeito e objeto que devemos pressupor como condição para o conhecimento em geral. É um conceito que tem três formas puras de conhecimento: o espaço, o tempo e a causalidade, coisas que buscam a origem dos fenômenos, o que Kant chamaria de *a priori*.

Para Kant, nós conhecemos a realidade pelas nossas percepções – o mundo fenomênico, mas nunca experimentamos o mundo como ele é em-si – o mundo numênico Schopenhauer tem o mundo em que vivemos como o seu ponto de partida e, para ele, o mundo fenomênico e o numênico não são duas realidades, mas apenas uma, sentida de maneira diferente. Essa questão é abordada em sua obra principal “*O Mundo como Vontade e Representação*”, onde acredita que o mundo tem duplo aspecto, ora percebemos como objetos – Representação, ora experimentamos, a partir de dentro – como Vontade.

2. O MUNDO COMO VONTADE E REPRESENTAÇÃO

O mundo é a minha representação. - Esta proposição é uma verdade para todo ser vivo e pensante, embora só no homem chegue a transformar-se em conhecimento abstrato e refletido. A partir do momento em que é capaz de o levar a este estado, pode dizer-se que nasceu nele o espírito filosófico. (Schopenhauer, p.9)

O conceito de Vontade e Representação no pensamento de Schopenhauer é, a partir da filosofia de Kant, entre coisa-em-si (numênico) e o que aparece ao sujeito cognoscente (fenomênico). Para ele, o mundo não passa de representações, nós fazemos uma síntese com a realidade exterior percebida no tempo e no espaço. A ideia de que o mundo é representação é influência da teoria de Platão do mundo sensível.

Em *O mundo como vontade e representação*, Schopenhauer diz que pertencemos ao mundo de duas formas diferentes. A primeira: a vontade, que, segundo o autor, é um princípio geral do mundo, uma força metafísica, sendo possível conhecê-la pela introspecção e entender suas várias manifestações. Esse é o princípio fundamental da natureza, onde tudo afirma tendências que são disfarces de uma vontade única de caráter metafísico, ela é independente da representação e não se submete à razão. Para Schopenhauer, o real é irracional, enquanto vontade e que toda forma racional da consciência são aparências ilusórias, já o inconsciente representa um papel fundamental na sua filosofia – nesse ponto, o livro antecipou alguns dos conceitos mais importantes da psicanálise fundada por Sigmund Freud. E a segunda forma: a representação, onde o mundo inteiro é apenas um objeto em relação a um sujeito, apenas existe para o sujeito. Ele também observa que nosso corpo pertence a duas formas: a primeira quando estamos conscientes como objetos no espaço e tempo e na segunda como experiência sentida, quando estamos conscientes dele pelos estados emocionais.

A base de nosso conhecimento racional começa nas sensações corporais, pois o corpo informou dados dos objetos. Assim, a noção de corpo é determinante, porque por meio de dados corporais a razão pode intuir o conhecimento, pois se entendemos que somos além de representação, podemos levar esse conhecimento para a representação de outros também. Dessa forma, Schopenhauer conclui que a natureza íntima da representação é a vontade e, portanto, toda representação é uma objetivação da vontade, a coisa-em-si (usando a nomenclatura Kantiana).

No livro 1, Schopenhauer abre afirmando que o mundo é a “minha representação”, isso significa que ele consiste em objetos particulares, um mundo aberto para investigação. É uma afirmação que inaugura a filosofia transcendental, na qual a representação sempre inclui tanto o sujeito quanto o objeto. Todo o conhecimento de objetos vem de fenômenos, mas não existe objeto em si, independente de um sujeito. Assim, a percepção é a consciência dos objetos e a causalidade é um aspecto essencial da percepção. Neste livro, a noção de Vontade vem da coisa em si de Kant, ele faz a distinção entre coisa em si (o mundo numênico) e fenômeno (o mundo fenomênico). Essa distinção mostra que o homem só conhece as coisas como aparecem à mente e nunca experimentamos como elas são “em si”, e o fenômeno é uma representação que o sujeito sofre quando algo o modifica. A diferença entre os dois filósofos é que para Schopenhauer esses dois mundos é um mundo, todas as coisas existentes são parte da coisa em si, sentida de uma maneira diferente. Até mesmo o corpo do sujeito é uma representação, ora percebemos como objeto (representações) ora experimentamos a partir de dentro (como Vontade).

No livro 2, há dois aspectos do mundo, a vontade e a representação. O mundo como representação consiste em objetos individuais, que são conectados pelo espaço e tempo. O mundo como vontade é a natureza de todos os objetos.

A vontade sabe sempre, quando a consciência a ilumina, o que quer em tal momento e em tal lugar; o que ela quer em geral, ela nunca o sabe. Todo ato particular tem uma finalidade; a própria vontade não a tem; como todos os fenômenos naturais isolados, a sua aparição em tal lugar, em tal momento, é determinada por uma causa que lhe dá fundamento; mas a força mais geral que se manifesta nesse fenômeno não tem ela própria causa, visto que ela é apenas um grau das manifestações da coisa em si, da vontade que escapa ao princípio da razão. A única consciência geral de si mesma que a vontade tem é a representação total, o conjunto do mundo que ela percebe: ele é a sua objetividade, a sua manifestação e o seu espelho; e o que ele exprime sob este aspecto será o objeto das nossas considerações ulteriores. (Schopenhauer, 2001, p. 173).

No livro 3, Schopenhauer coloca a arte em um alto nível filosófico e constrói uma metafísica da estética. Ele diz que a experiência estética é um veículo para escapar das condições da Vontade, e a função das artes é a expressão e representação das ideias platônicas – a arte representa Ideias em virtude de representar o essencial imaginado. Schopenhauer também traz o conceito de gênio, segundo ele, é uma pessoa rara, que tem a capacidade de transformar sua consciência por longos períodos de tempo, com o auxílio da experiência estética. Essa capacidade é possuída por todas as pessoas em diferentes graus, nós também temos a capacidade de modificar nossa consciência por breves períodos de tempo, na contemplação de obras de arte criadas por um gênio.

Schopenhauer, no livro 4, expõe o comportamento ético de duas formas: a afirmação e a negação da vontade. A sua conclusão é que se pode ter uma vida tolerável não pela eliminação completa do desejo, uma vez que isso levaria ao tédio, mas tornando-se um observador desapegado de sua própria vontade, enquanto consciente de que a maioria dos desejos permanecerão insatisfeitos.

3. A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

A Estética está relacionada ao estado de arte e uma experiência estética é um ponto de vista que tomamos em direção a um objeto. Muitas teorias tentam definir a fronteira entre objeto estético e não estético, essas teorias se originaram na noção de teoria estética de pensadores como Kant e Schopenhauer.

Schopenhauer tem seu ponto de partida na estética de Kant, a qual considerou que o belo surgiria baseado em sentimento livre de conceitos relacionados a um sentimento de prazer. O belo é um prazer desinteressado. A estética, segundo Kant, é uma dimensão subjetiva do mundo, que precisa da estrutura espaço-temporal para fazer julgamentos. Em primeiro lugar, ele aponta que os julgamentos de gosto são essencialmente subjetivos, pois eles vêm de nossos sentimentos, não de um fato objetivo no mundo, mas só quando tivermos o prazer universal, em resposta à intencionalidade ao invés do propósito. A universalidade e a reação à aparência de propósito, não à finalidade real, só existe porque o nosso prazer é desinteressado. Assim, as reflexões sobre ela estão voltadas para princípios de sensibilidade *a priori*, as condições neces-

sárias de percepção do sujeito. Já Schopenhauer se aproxima da estética em termos de conhecimento transcendental – o mundo físico é composto de fenômenos que existem apenas para o sujeito do conhecimento, onde uma unidade transcendental da razão e da experiência é a condição para o conhecimento. Ao contemplar um objeto, o indivíduo tem seus desejos e interesses suspensos, ao isolar o objeto no juízo estético e nesse processo de abstrair todo o interesse do observador, ele olha o objeto não como um meio para seus fins, mas como um fim em si mesmo.

Para Schopenhauer, nós experimentamos sofrimento porque nossa mente representa o mundo por uma projeção egocêntrica a serviço da vontade. É ela quem permite nossa sobrevivência, pois direciona nossa percepção para coisas mundanas, que são relevantes para nosso bem-estar, ela age para nosso interesse, isso nos permite reconhecer ameaças e reagir a elas. É essencial ver o mundo não objetivamente, mas subjetivamente, acrescentando nossas projeções para a experiência, a fim de sobreviver. Essa visão nos mantém presos em uma falsa percepção do mundo e por isso ele afirma “O mundo é a minha representação” (Schopenhauer, p. 9).

Neste sentido, a vontade é a coisa-em-si, mas sua experiência são as representações por meio da cognição: o princípio da razão suficiente, o qual produz no mundo da representação a relação espaço e tempo como entidades causais relacionadas. Para Kant, seria impossível ter um conhecimento que não fosse condicionado pelas formas de cognição, a coisa em si mesma é inacessível à mera intuição empírica, mas, segundo Schopenhauer, o entendimento tem três categorias, a da causalidade, o tempo e o espaço. Tanto quanto Kant, Schopenhauer também afirma que é possível transcender o mundo como fenômenos e entrar em contato com a realidade quando, em casos raros, o intelecto consegue deixar de lado as estruturas do mundo nas categorias de espaço, tempo e causalidade. E essa mudança de percepção nos permite entrar em contato com a coisa em si - que é o que constitui a experiência estética.

Aqui, o sujeito se relaciona com as representações independente do princípio da razão; quando tem a experiência estética, ocorre uma supressão da individualidade, o que Schopenhauer caracteriza como puro sujeito do conhecimento. “Puro” no sentido que o intelecto não está a serviço da vontade e vai abstrair temporariamente do sofrimento. Essa é a noção de desinteresse, quando na contemplação estética deixamos de pensar sobre o mundo como meios para nossos fins, como objetos de nossa vontade.

Para Schopenhauer, como para Kant, o mundo como representação, como nós o percebemos, não corresponde à realidade independente da mente. Schopenhauer diverge de R. eletr. Fil., Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 69-80, jul./dez. 2017.

Kant na explicação de como isso acontece: para ele, a nossa percepção é consequência do mecanismo de sobrevivência da vontade. Até mesmo as categorias de espaço, tempo e causalidade são impostas no mundo, como propósitos da vontade, pois é por essas categorias que o mundo como representação e a pluralidade de objetos aparecem. Schopenhauer supõe que é desejável transformar o estado de consciência para livrar-se do sofrimento, pois quando paramos para olhar o objeto particular como para nossos fins, nós paramos de reconhecer o mundo em relação as nossas vontades. Em vez disso, experimentamos como representação – que são Ideias, semelhantes às de Platão, imutáveis e eternas.

Por meio de uma atitude estética (embora, Schopenhauer não use esse termo) podemos conhecer as ideias. Dessa forma, ele afirma que a atitude estética tem também uma grande importância prática, uma vez que tudo representa ideias e manifesta a vontade de alguma forma, tudo pode ser objeto da atitude estética: ela pode nos libertar dos ciclos de sofrimento, porque podemos parar de colocar as coisas numa perspectiva pessoal, e os infortúnios da vida se tornarão simples flutuações, por meio dos quais podemos ter encontros reais com Ideias. Essa capacidade de suspender a calibração ordinária do intelecto instrumental e contemplar o mundo como ele é em si é a marca do gênio.

É apenas através desta contemplação pura e completamente absorvida no objeto que se concebem as ideias; a essência do gênio consiste em uma preeminente aptidão para esta contemplação; ela exige um esquecimento completo da personalidade e das suas relações; assim, a genialidade é apenas a objetividade que termina na personalidade, isto é, na vontade. Por conseguinte, a genialidade consiste em uma aptidão para se manter na intuição pura e aí se perder, para libertar da sujeição da vontade o conhecimento que lhe estava originariamente submetido; o que se resume em perder completamente de vista os nossos interesses, a nossa vontade, os nossos fins: devemos, durante um tempo, sair inteiramente da nossa personalidade, ser apenas o puro sujeito que conhece, olhar límpido do universo inteiro, e isso não durante um instante, mas durante tanto tempo e com tanta reflexão quanto forem necessários para realizar a nossa concepção com a ajuda de uma arte determinada. (Schopenhauer, 2001 p. 195)

Portanto, o valor epistemológico de uma obra de arte é que ela é apenas um meio de facilitar o conhecimento em que o prazer estético consiste. Isso envolve um tipo de percepção direta, *a priori*, antes de serem individualizados em categorias de espaço, tempo e causalidade, que é oposto ao conhecimento científico trabalhado *a posteriori* a partir de observações das categorias. Logo, para Schopenhauer, o conhecimento da coisa em si é possível e é adquirida por conhecimento da natureza essencial dos objetos – as ideias. Esse conhecimento não é conceitual, mas vem pela percepção e, por fim, é um conhecimento para ser adquirido por meio

da contemplação desinteressada das obras de arte. Assim, a arte não é apenas epistemologicamente significativa, mas é fonte de um conhecimento profundo.

CONCLUSÃO

Na sua teoria da contemplação estética, Schopenhauer junta dois juízos da teoria estética de Kant: o da sensibilidade, *a priori*, e o juízo do gosto. Para ele, as experiências estéticas não são *insights* sobre o julgamento em si, mas para o mundo em representação. No seu pensamento, o conhecimento pela contemplação estética se contrapõe ao científico, o qual segue sempre o princípio da razão, em que cada fim é remetido a outro; é um conhecimento instrumental e racional a serviço da vontade. Com isso, ele aponta que há outro modo de conhecer o mundo, não necessariamente a razão, mas a intuição estética. Um conhecimento o qual permite o sujeito ver a natureza do mundo, indizível nele mesmo, mas mostrado na experiência do belo.

A principal diferença entre Kant e Schopenhauer está no método: Schopenhauer começa a partir do conhecimento direto e intuitivo, enquanto Kant começa a partir do conhecimento indireto e abandona a percepção. Schopenhauer também argumenta que as doze categorias kantianas (a de quantidade: unidade, pluralidade e totalidade; de qualidade: realidade, negação e limitação; de relação: substância, causalidade e comunidade e, por último, modalidade: possibilidade, existência e necessidade) podem ser reduzidas a uma: a da causalidade, função que liga as percepções de diferentes objetos e a capacidade de julgamento seria secundária em relação à percepção, pois é relacionada à razão.

Schopenhauer afirma que a contemplação estética é caracterizada pela objetividade, que a consciência comum está a serviço da vontade, mas nossa percepção é sempre distorcida por subjetividades. Ele oferece um relato convincente sobre a mudança de estado mental da consciência comum durante a contemplação de grandes obras de arte, pois é um ponto de vista mais objetivo que qualquer outra forma de perceber um objeto. A arte não leva o espectador a um mundo ideal, ela oferece uma oportunidade de ver a vida sem as distorções da vontade. O autor argumenta que devemos procurar fugir da consciência comum, comandada pela vontade; R. eletr. Fil., Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 69-80, jul./dez. 2017.

no entanto, a vontade parece ter aspectos positivos e negativos, pois pode promover a nossa sobrevivência por meio de coisas que nos fazem sofrer, e o sofrimento seria apenas o resultado de como reagimos a situações com a nossa consciência comum.

A suspensão temporária da vontade acontece quando a experiência estética é pura, então, o prazer do belo é atingido. Durante esse momento de experiência estética, o sujeito é livre do sofrimento constante e é o momento para perceber a realidade além dos véus de ilusões.

REFERÊNCIAS

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro: contraponto, 2001.

AUDI, Robert. **Dicionário de filosofia de Cambridge**. Cambridge University Press, 1995. 2a edição, 1999.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

SCRUTON, Roger. **Kant**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

LACOSTE, Jean. **A filosofia da arte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

SIMONITI, Vid. **Schopenhauer on the Epistemological value of art**. Postgraduate Journal of Aesthetics, Vol. 5, No. 3, December 2008. Christ Church: University of Oxford.

TROXELL, Maria. **Arthur Schopenhauer**. Disponível em: <<http://www.iep.utm.edu/schopenh/#SH2a>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

REI, Alexandra. **The Aesthetic Attitude**. Disponível em: <<http://www.iep.utm.edu/aesthat/#SH2b>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

SHAPSHAY, Sandra. **Schopenhauer's Aesthetics**. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/schopenhauer-aesthetics/>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

BURNHAM, Douglas. **Kant's Aesthetics**. Disponível em: <<http://www.iep.utm.edu/kant-aest/>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

FORD, Daniel J. **Art and the aesthetic experience in Arthur Schopenhauer**. Disponível em: <<http://dialecticonline.wordpress.com/autumnwinter-issue-no-1/art-and-the-aesthetic-experience-in-arthur-schopenhauer/>>. Acesso em: 8 dez. 2012.

DEBONA, Vilmar. Schopenhauer. Disponível em: <<http://filosofia.uol.com.br/filosofia/ideologia-sabedoria/17/artigo133464-1.asp>>. Acesso em: 8 dez. 2012.